

Ricardo Passos

“Mentes gordas, almas magras”



Foi no seu pequeno ateliê no centro histórico da cidade de Sacavém que fomos encontrar Ricardo Passos rodeado de ideias e projectos, a tentar captar a realidade à sua volta. A transmitir emoções. As telas expostas um pouco por todas as paredes mostram as vertentes multifacetadas deste pintor de paixão e *designer* gráfico de profissão e que no currículo já conta com mais de seis dezenas de exposições em Portugal e um pouco por todo o mundo.

Pintura, *design* gráfico, joalharia, cerâmica, cenografia... em qual das áreas em que trabalha se sente mais realizado?

Na pintura! É a paixão que me preenche as horas em que estou a pintar e as horas em que não estou a pintar. Mas antes de chegar à tela há um grande trabalho de concepção, de procura de temas.

Na fase de criação, qual a parte que lhe dá mais prazer?

Passo por uma série de emoções e sentimentos que vão desde o não dormir na altura em que as ideias vêm ter comigo e quero saber mais e mais e pesquisar... Essa parte é muito desgastante. Depois vem a parte de passar à tela, e aí é um processo um bocadito doloroso porque sou muito ansioso e quero ver o trabalho acabado o quanto antes. Na fase final sinto-me cansado física e intelectualmente, mas por outro lado sinto-me realizado. A fase da exposição é o culminar de um ciclo com sentimento de missão cumprida.

Quando acabo uma tela estou logo a pensar noutra. Uma vez assinada já não é minha



É muito apegado aos seus trabalhos?

Não. Quando acabo uma tela estou logo a pensar noutra. Uma vez assinada já não é minha.

Coloca sentimentos naquilo que observa da realidade e procura transmiti-los na tela?

Acho que é impossível não colocar emoções. Não consigo deixar de não colocar sentimentos ou não estaria a ser sincero com as pessoas que vêm, que compram, nem comigo próprio...

É impensável pintar sem colocar lá qualquer coisa de mim, mesmo que por vezes isso seja feito de uma forma inconsciente.

Não procuro os temas, eles acontecem e não são estanques. Há um fio condutor, transversal, que atravessa todos os temas que tenho vindo a fazer.

Acha que as pessoas que vêem os seus quadros sentem o mesmo que o Ricardo procurou transmitir?

A essência da arte e o seu grande mistério é o de cada obra de arte proporcionar várias interpretações. A partir do momento em que o artista transmite ou informa as intenções dele penso que se quebra o encanto. Não devo dizer tudo. Devo pintar tudo para deixar que a pessoa usufrua e crie, conforme a vivência dela, estado de espírito, emoções, cultura, e daí possa beber uma outra informação que pode ter pouca ligação com o que quis transmitir. Isso não me deixa frustrado nem angustiado.

Tem alguma preferência por temas?

As coisas vão acontecendo... fluindo. Para dar um exemplo: há cinco anos pintei rainhas, depois comecei a despir as rainhas e começaram a



surgir mulheres mais e menos gordas. Nessa altura passei para o tema da obesidade. Aqui descobri algumas frustrações, e que a sociedade estigmatiza as pessoas por ocuparem mais espaço no cosmos... Ninguém questiona o espaço que ocupa o Coliseu de Roma, mas uma mulher ou um homem com mais dez centímetros são logo apontados. Já não podem sonhar em ser hospedeira ou bailarina. Por isso apelidei esta série de “Mentes gordas, almas magras”. É uma crítica à sociedade. Nós somos cruéis...

Depois, por exemplo, surgiu-me a ideia de pintar mulheres grávidas, talvez por ser a única altura em que a mulher gorda não é motivo de exclusão.

Portanto, os temas vêm ter consigo...

Sim, até hoje nunca me perguntei o que iria pintar a seguir... As coisas fluem... Tento agarrar os temas quando eles passam por mim.

Já fez mais de 60 exposições. Há alguma que o tenha marcado de alguma forma?

Nunca pensei muito nisso. Para mim a exposição importante é aquela que estou a fazer e nada mais. Há é galerias que pelo espaço são mais interessantes e exposições que atraem mais o público ou ganham mais mediatismo.

Já teve reacções curiosas aos seus trabalhos?

Sim. Às vezes até menos boas... As pessoas fazem interpretações que nunca me passaram pela cabeça. Normalmente nos meus quadros costumo deixar a tinta escorrer de forma direccionada. E no outro dia um senhor perguntou-me se esses riscos eram defeito e se não me tinha esquecido de limpar a tela... (risos).

... até hoje nunca me perguntei o que iria pintar a seguir... as coisas fluem...



A sua formação a nível académico tem uma importância fulcral no seu trabalho ou o sentimento que coloca e o chamado “jeito natural” com que se nasce tem mais preponderância?

Penso que os artistas em geral não se fazem, nascem. Depois podem aprender novas técnicas, experimentar outros registos. A formação é fundamental, mas tem de haver a parte inata, senão nada resulta.

Já percebemos que a pintura é a sua paixão. Mas na parte profissional o que faz?

Desenvolvo trabalhos mais virados para o *design* gráfico, como a produção de embalagens, catálogos, logótipos, folhetos, entre outros.

